

PIONEIROS DA QUÍMICA

Luiz Gonzaga Cavalcanti Pinto da Carvalheira

Nascido em Recife, capital do estado de Pernambuco, em 10 de maio de 1919, Luiz Gonzaga graduou-se em química industrial pela Escola de Agronomia e Química de Pernambuco em 1945. É talvez, hoje, o químico na ativa mais experiente do país, com mais de 70 anos dedicados ao ensino da química e à química industrial.

Seu irmão Frederico disse a ele que fizesse medicina – Luiz pensou mas gostava mesmo de usinas de açúcar, pois já andava por várias delas; aprendia muito com o que via com os auxiliares que tomavam parte em todos os processos conduzidos nessas usinas. Por isso,

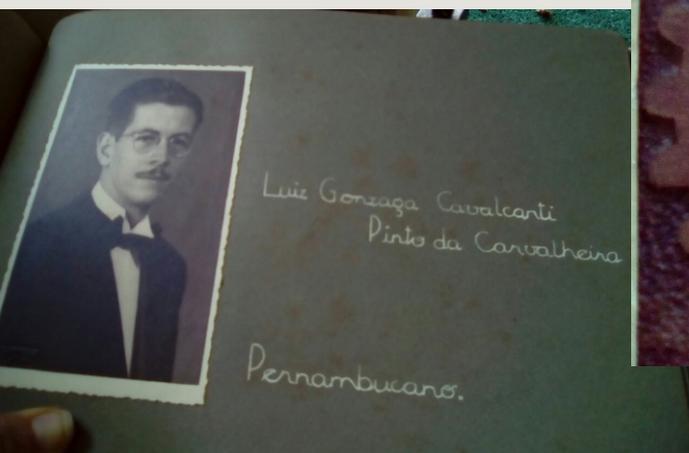
despertou em si uma forte vocação, um gosto todo especial e uma tendência pelo ensino: queria ser professor de química. Bem antes de se formar em químico industrial, Luiz já praticava a docência, ensinando português, matemática e também um pouco da indústria química. Até que ele decidiu "ser professor pois achava que ensinava melhor do que aqueles que me ensinavam".

Luiz guarda com muito carinho os nomes de dois de seus professores que marcaram muito a sua formação acadêmica: Hervásio de Carvalho (1916-1999), um apaixonado pelo ensino e pela pesquisa científica (iniciados em 1937, no Recife, com a química e a físico-

química; mais tarde, dedicou-se à energia nuclear), e Paulo José Duarte (1916-1995), químico pernambucano, notabilizado pela descoberta das jazidas de fosfato de Pernambuco, e o principal articulador do projeto de criação do Curso de Geologia do Recife e seu primeiro Diretor. Seu estágio quando ainda era discente (por cerca de um ano) foi na Usina Tiúma (que funcionou de 1881 a 1995), sob a orientação do químico José Graciliano Alves Pimentel, autor da famosa obra "Memórias Doces e Amargas de um Fabricante de Açúcar" (1980).



Luiz Carvalheira, entrevistado em novembro de 2017, pela Profa. Silvana Calado, da UFPE e vice-presidente da ABQ



Capa e foto do álbum de formandos Químicos de 1945 da Escola de Agronomia e Química de Pernambuco

Sua trajetória profissional sempre esteve fortemente ligada às usinas de açúcar: Usina Bulhões, Usina Barra, todas as usinas de açúcar e álcool do Estado da Paraíba. Mais precisamente, sua vida foi "dedicar-se à fabricação de açúcar e de álcool".

Ingressou por concurso na Escola de Agronomia de Pernambuco (hoje vinculada à UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco), local de sua formação acadêmica. Lá, foi professor de Química Analítica Qualitativa, tendo orientado muitos alunos em estágios na área de química de açúcar.

Luiz se orgulha em dizer que "sempre teve boa convivência com os alunos".

Ele perde a conta da quantidade de alunos que orientou, aconselhou e ensinou acerca do mundo doce da cana-de-açúcar e seus derivados.

Um de seus admiradores é a

Profa. Silvana Carvalho de Souza Calado, da UFPE, vice-presidente da ABQ e vice-presidente da Academia de Química de Pernambuco, e que entrevistou o ilustre Mestre.

Luiz afirma com muita emoção e altivez que "a química é a maior das ciências".

Participou de diversos congressos na área do açúcar e do álcool não só no Nordeste, mas também no Rio de Janeiro e em São Paulo, além do Conselho Regional de Química de Pernambuco.



Luiz Cavalheira (à direita) participa do VII Congresso de Conselheiros Federais e Regionais de Química (Salvador, novembro de 1975)



Luiz Cavalheira em uma aula de química experimental na Escola de Agronomia e Química de Pernambuco (s.d.)

Suas contribuições à química lhe renderam um grande reconhecimento: é membro titular da Academia Pernambucana de Química (a primeira do gênero no país, fundada em 2006) desde 2007.

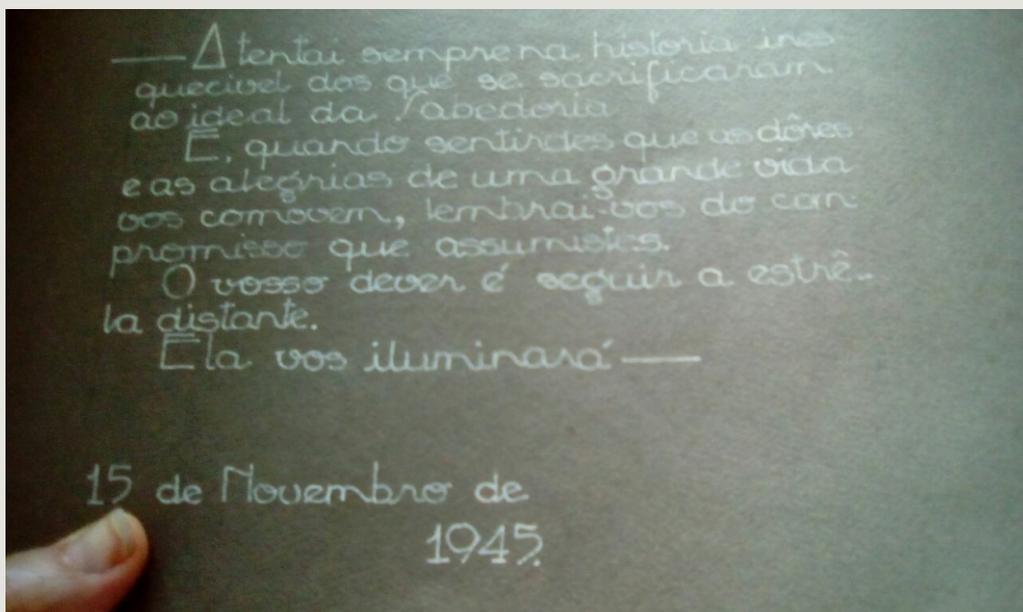
Retratando toda uma trajetória dedicada ao ensino, Luiz Cavalheira dirige uma palavra toda especial aos jovens, às vésperas de completar seu 99º aniversário: "o meu caminho foi de estudar e procurar, na minha época, onde não havia interesse muito grande pela fabricação do açúcar e do álcool. Participei de congressos não só no estado de Pernambuco, como também fora", diz o professor.

"A química é a maior das ciências e faz bem quando se tem vocação. O aluno deve ter vocação para lecionar a química: não se é químico porque quer ser químico, é preciso ter vocação, sentir no seu coração que quer ser químico. É bem verdade que eu deixei de entrar na medicina

para entrar na química por uma questão justamente da simpatia que tinha pela fabricação de açúcar e de álcool", falando com o entusiasmo de um iniciante.

E continua: "Sempre tive uma vontade enorme de ser químico de uma usina de açúcar e de álcool. E assim fui".

Como mensagem final, atesta "o professor deve dar a sua aula, ensinar, e não mostrar que sabe pela vaidade".



Mensagem constante do álbum de formandos da turma de Químicos de 1945

PIONEIROS DA QUÍMICA

Carlos Eugênio Nabuco de Araújo Junior

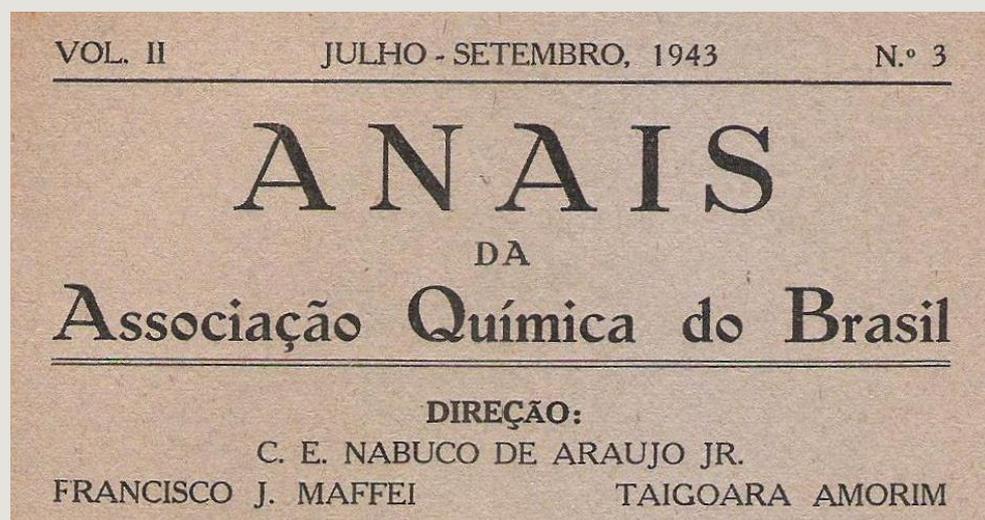
Filho de Carlos Eugênio Nabuco de Araújo e Maria Almeida Nabuco de Araújo, nasceu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, em 26 de outubro de 1904. Desde cedo sempre mostrou um gosto muito direcionado à Química. Tanto que, já em 1922, diplomava-se em químico analista, vindo em seguida a graduar-se em químico industrial agrícola pela Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária em janeiro de 1924, com apenas 19 anos! Em seguida ingressou na *Standard Oil Company of Brazil* ainda em 1924, depois Esso Brasileira de Petróleo, permanecendo até a década de 1960. De subgerente do departamento de lubrificantes, alçou o posto máximo, de Diretor. Sua atuação sempre foi pautada pela relação da química com as potencialidades que a atividade industrial oferecia, expressadas na célebre palestra que proferiu na Associação Brasileira de Farmacêuticos, em 1928 (naquela época, a maioria das atribuições hoje conferidas aos químicos era exercida por farmacêuticos).

A partir do final dos anos 1920, engajou-se numa luta feroz pelo reconhecimento e regulamentação da profissão de químico no Brasil. O primeiro esforço se concretizou em 1931, com a fundação do Sindicato dos Químicos do Rio de Janeiro, da qual foi seu Presidente

Executivo de 1931 a 1937 e 1939 a 1942. Foi eleito pelo Ministério do Trabalho para integrar a comissão de regulamentação da profissão de químico, que veio a ser sancionada pelo então Presidente Getúlio Vargas (Decreto-Lei 24.693, 12/07/1934); pouco tempo depois, essa regulamentação foi em grande parte anulada por decisão judicial decorrente de recursos impetrados pela classe farmacêutica.

A década de 1930 foi extremamente agitada para Carlos Eugênio Nabuco de Araújo Júnior: participou ativamente do 3º Congresso Sul-Americano de Química, promovido pela Sociedade Brasileira de Química (SBQ), em julho de 1937, na qualidade de membro da comissão organizadora e Presidente do comitê de recepção dos membros (mais de 1600) para o evento. Envolveu-se em forte polêmica com a Sociedade supracitada, por considerar que ela não defendia os direitos e os pleitos dos químicos em prol de sua profissão. Por isso, concebeu a fundação de uma outra sociedade científica de química, nos moldes da American Chemical Society (da qual ele já era membro), e que abarcasse a causa dos químicos. Foi assim que, em abril de 1939, era fundada a Associação Química do Brasil (AQB), tendo Carlos Eugênio Nabuco de

Araújo Júnior a honra de ser o sócio número 1. Foi ainda presidente (1941-1942), além de secretário ou conselheiro (1942-1944 e 1948-1951). Foi ainda editor das publicações Anais da Associação Química do Brasil e Boletim da Associação Química do Brasil, e presidente do 1º Congresso Nacional de Química (1941), o primeiro evento organizado pela



Associação Química do Brasil

SECRETARIA GERAL: Rua Senador Dantas, 19 - 1º andar - Caixa, 550 - Rio de Janeiro.



DIRETORIA PARA O BIÊNIO 1949-1950

Presidente: Bernardo Geisel
Vice-Presidente: Francisco João Maffei
Secretário: Juvenal O. A. Doria
Tesoureiro: Cesar Godinho Espinola



CONSELHO

O Conselho da ASSOCIAÇÃO é constituído de representantes das secções regionais na proporção de um para cada cinquenta sócios e de seis conselheiros gerais, com mandato de três anos, um terço renovado anualmente. Os atuais conselheiros gerais, com os respectivos mandatos são os seguintes:

Helio Morganti	(até 31-12-1951)
José Capocchi	(até 31-12-1951)
Taigoara Amorim	(até 31-12-1951)
Geraldo Oliveira Castro	(até 31-12-1952)
Bernardo Lutz	(até 31-12-1952)
C. E. Nabuco Araujo Jo.	(até 11-2-1953)

AQB. Colaborou por mais de 10 anos diretamente para a Revista de Química Industrial (1932-1944) como Editor, redator, autor de artigo ou entrevistado, e ainda para a Revista Brasileira de Química (fundada em 1935 e sediada em São Paulo).

Após a união da SBQ com a AQB, resultando na Associação Brasileira de Química que hoje conhecemos, Carlos Eugênio Nabuco de Araújo Júnior lutou pela instituição de uma sede digna à nova Associação (que foi instalada em 1957 na Rua Álvaro Alvim, Cinelândia, centro do Rio de Janeiro). Foi, ainda, presidente por três mandatos sucessivos (1956-1958, 1960-1962 e 1962-1964) e vice-presidente (1954-1956), mas sempre esteve ligado à Diretoria da Associação até 1971, quando deixou seu último cargo, de conselheiro. Em paralelo, retomando sua luta desde a frustrada regulamentação da profissão de químico de 1934, colaborou decisivamente para que uma nova proposta de regulamentação fosse preparada e, enfim, aprovada pelo Congresso Nacional, sendo sancionada pelo então Presidente Juscelino Kubitschek em 18 de junho de 1956 (Lei 2800), fixando esse dia como sendo o dia do Químico. Participou dos trabalhos de instituição do sistema CFQ/CRQ (Conselhos Federal e Regional de Química), e ainda na fundação do Instituto Brasileiro de Petróleo (1957).

Ao longo de sua brilhante carreira profissional, foi sócio de diversas sociedades científicas, bem como membro eleito ou indicado para cargos de várias dessas sociedades: sócio correspondente da Associação Química

Argentina, Sociedade Colombiana de Químicos, Associação de Química e Farmácia do Uruguai e Sociedade Química do Peru; sócio da American Chemical Society, Sociedade Americana para o Progresso da Ciência (da qual chegou a ser membro do Conselho Diretor) e Associação Francesa dos Técnicos em Petróleo; sócio honorário do Sindicato dos Químicos da Paraíba e de Pernambuco. Participou de inúmeros congressos de química ou de engenharia química, por exemplo: 4º Congresso Sul-Americano de Química (Santiago, 1948), 8º Congresso Científico Pan-Americano (Washington, 1940); Sessions

Química Argentinas (Buenos Aires, 1939), V Congresso Mundial de Petróleo (1959), além de quase todos os CBQs de 1943 até 1967. A expressão máxima de sua atuação foi junto à IUPAC: foi o primeiro brasileiro eleito para o Conselho Diretor do órgão máximo da química no mundo (agosto de 1957, mandato de quatro anos), sendo reeleito em agosto de 1961.

Outra vertente de sua vasta atuação foi a redação de diversas obras (seja como autor único ou em parceria com outros), quase todas elas dentro do campo de atuação por toda a sua vida profissional, a indústria de petróleo e seus derivados: Adulteração do Óleo de Linhaça (1926), Petróleo (1936, de grande repercussão na época), Lubrificantes e Lubrificação (1937), Gasolina por Polimerização (1937), Petróleo e Seus Produtos (1938), Shale Oil Industry in Brazil (1938), Oil Shale and Cannel Coal (1939), Desenvolvimento Industrial do Brasil (1941), A Indústria do Petróleo (1944), A Admirável Indústria do Petróleo (tradução do original, 1945), A Indústria Petroquímica (1959; 2ª edição, 1961, tendo como coautor seu filho Carlos Eugênio N. de Araújo Neto) e A Tecnologia Química e as Indústrias Básicas (1960). Escreveu matérias e artigos de opinião para os jornais e revistas O Imparcial, Brasil Técnico, Medicamenta, Diário Carioca, Química e Indústria, A Noite, Correio da Manhã, Observatório Econômico, O Sistema, Industrial & Engineering Chemistry Research (EUA), Chemistry and Industry (Inglaterra), Brasil Finanças e Industria Y Química

(Argentina).

Na década de 1960, nosso ilustre personagem presidiu o Sindicato do Comércio Atacadista de Minérios e Combustíveis Minerados da Guanabara. Foi agraciado com o título de sócio remido da Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Por ocasião do 15º Congresso Brasileiro de Química (Rio de Janeiro, 1965), dentre as várias homenagens prestadas à ABQ destaca-se a do Jockey Club Brasileiro, que dedicou três dos páreos programados para o dia 23 de setembro para homenagear a química; dentre estes, o 4º páreo tinha o nome de Carlos Eugênio Nabuco de Araújo Júnior homenagem prestada por ser “figura notória no mundo da química nacional e internacional, primeiro químico sul-americano a ser eleito para a função de Diretor da IUPAC, cofundador da ABQ e presidente por quatro investidas (...) tem ainda a seu favor um dos maiores benefícios à classe, tal seja, o de responsável pelos estudos e projetos que culminaram com a regulamentação da profissão de Químico no Brasil,

logrando com seu esforço pessoal a aprovação da Lei que instituiu o Conselho Federal de Química.”

Dotado de uma personalidade forte e de um ímpeto impressionante, Carlos Eugênio Nabuco de Araújo Júnior foi um visionário muito além de seu tempo, na defesa da indústria química nacional e dos químicos brasileiros. Reconhecido e respeitado por seus pares, sempre esteve nas colunas sociais dos principais jornais do Rio de Janeiro, especialmente quando por ocasião de seu aniversário. Chega mesmo a impressionar como uma figura tão atuante em prol dos químicos brasileiros no passado seja hoje desconhecido e mesmo tomado por lenda por muitos de nós. Eis uma ótima sugestão de tema para uma dissertação ou tese sobre esta personalidade verdadeiramente pioneira e empreendedora da química brasileira. Carlos Eugênio Nabuco de Araújo Júnior faleceu no Rio de Janeiro em 21 de abril de 1976, sendo sepultado no cemitério de São João Batista, em Botafogo, zona sul da cidade.

DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE QUÍMICA 1967-1968

Presidente — Luiz Inácio de Miranda, da Seção Regional de Guanabara;

Vice-presidente — Archimedes Pereira Guimarães, da Seção Regional de Minas Gerais;

Secretário — Mauro Machado Vieira, da Seção Regional de Guanabara;

Tesoureiro — Clóvis Martins Ferreira, da Seção Regional de Guanabara;

Suplente — Gabriel Francis, da Seção Regional de Guanabara.

Conselheiros Gerais:

até 1969 — Walter Borzani e Oscar Bergstrom Lourenço, da Seção Regional de São Paulo;
Nilton Emílio Bühner, da Seção Regional do Paraná;
William Zattar, da Seção Regional de Guanabara;

até 1971 — Carlos Eugênio Nabuco de Araújo Júnior e Alba Maria Gallotti, da Seção Regional de Guanabara;
Nelson Carlos Gutheil, da Seção Regional do Rio Grande do Sul.